



AS AVENTURAS DO CONHECIMENTO HUMANO

Amadeo Silva de CARVALHO

Departamento de Educação, Ciências Contábeis e Administração Geral
 Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – UNITERRA/EDUVALE – Jaciara, MT, Brasil

RESUM O

O presente artigo busca analisar de forma sintética a trajetória do conhecimento humano e mostrar como este sempre se fez presente na vida do homem e que ele acontece não só pelo fato de o homem ser racional mas por necessidade, e mais ainda, o ser humano além de possuir aquilo que muitos chamam de necessidades básicas, é capaz de criar necessidades. Isso é um dos principais fatores que contribuíram para que a humanidade chegasse ao patamar de conhecimento em que se encontra.

O conhecimento sempre esteve ao lado do homem na dinâmica da história e no seu próprio processo evolutivo enquanto forma de superação da ignorância, a fim de explicar o mundo e as coisas que o cercam. À medida que os primeiros homens passaram a se equilibrar sobre as duas patas e a utilizar as mãos para outras habilidades, no momento em que esses homens ficaram de pé, levantaram a cabeça e sentiram a curiosidade de saber o que poderia haver de trás do horizonte que até então lhes era desconhecido, sentiram a vontade de conhecer o desconhecido e mergulhar nas aventuras do desafio.

Palavras-chaves: Conhecimento, razão, cosmocentrismo antiguidade clássica), teocentrismo idade média), antropocentrismo(idade Moderna) , tecnocentrismo (idade contemporânea), Crise de paradigmas

SUMMARY

Next article are trying analyze the sintect way and trajectory of the human's knowledge and how it make real presence in the life's men, and also that it doesn't happen just because of the men being rational, but because its really necessary, and even more, the human race has what everybody called of " basics neediness" but also is able to created theirs own neediness. That fact is exactly what makes the human race got until this knowledge of nowadays.

The knowledge always been next to the man, in the dynamic of his history and in his own evolution process, trying this way, overcome the ignorance, and so could finally explain the world and all the things around. As long as the man started to make a equilibrium under theirs two paths e use the hands to others abilities. In the moment that those mans stood up, lifted the head up and felt a curiosity feeling to understand the things behind the horizon, then they felt a desire to know the unknown and to dive into the venture of challenges.

Key-Words: Knowledge, reason, Cosmo center, (classic ambiguity), Theo-center,(middle age), hangoutnees, (modernity age), techno-center (contemporaneous age), Paradigm's crease.

O CONHECIMENTO HUMANO: SUPERAÇÃO DA IGNORÂNCIA E CONQUISTA DA AUTONOMIA

A partir da aventura e curiosidade, principalmente, a necessidade em relação ao conhecimento, o homem amplia o seu espaço e deixa de viver uma vida sedentária. Esse fato o coloca diante de uma outra questão: o desequilíbrio., pois o desconhecido provoca a sensação de insegurança, e esta só é superada à medida que tudo aquilo que lhe é estranho e/ou desconhecido, que está fora de seu alcance, se torna

conhecido. Isto não pára por aí, os novos desafios e constantes equilíbrios e desequilíbrios em que se resume a busca do conhecimento continuarão aparecendo. Graças a esse fato, a humanidade se encontra no mais alto patamar do conhecimento. Mas isto não significa a total superação da ignorância, pois a cada problema superados, novos surgirão, e assim, o processo evolutivo continua. O que muda são os tipos de problemas e desafios que surgem.

Tais problemas e desafios nascem da vontade de superar a barreira do desconhecido. Diferentemente dos irracionais, que possuem necessidades apenas de cunho biológico, o homem não se limita apenas a isso, ele possui outras qualidades que os irracionais não têm, como a introspecção (capacidade de olhar para dentro de si mesmo), a transcendentalidade do conhecimento (capacidade de transcender a matéria, ir além do físico) e, por fim, a racionalidade (capacidade de explicar as coisas).

Diante desse breve processo histórico dos primeiros homens e das principais qualidades que estes possuem, poder-se-ia dizer que aí está a gênese do processo evolutivo em termo de construção do saber enquanto meio de explicar o mundo e as coisas que os cercam. Estas explicações se deram conforme visão das épocas seguintes:

1. O COSMOCENTRISMO

Podemos enfatizar um dos momentos mais importantes (claro, sem desprezar etapas anteriores), a mitologia grega, que surgiu na antigüidade através da qual os gregos procuraram dar explicação às interrogações que faziam a respeito do mundo que os cercava. Com o decorrer da evolução histórica, os desafios e problemas foram aumentando e os gregos não se contentaram apenas com as explicações mitológicas. Surge então a necessidade de uma explicação mais racional e sistematizada baseada nas investigação. Nasce então a filosofia enquanto uma nova forma de saber e de construção da verdade (daí o termo *philosophia* = *philos*: amigo, *sophia*: sabedoria, amigo da sabedoria).

Com isso, as explicações passaram a ser baseadas não só na experiência sensível, mas também sob a luz da razão, donde a busca tinha como princípio as causas primeiras e a finalidade última das coisas.

No entanto, não podemos perder de vista o fato de que os acontecimentos históricos estiveram intimamente ligados à maneira pela qual os homens viam o mundo e procuravam explicá-lo. Outro princípio que também não deve ser esquecido é o de que a história é produto do homem e que os fatos acontecem espontaneamente.

Assim sendo, a antigüidade era caracterizada pelo cosmocentrismo, onde o centro da curiosidade dos homens era o cosmo (mundo). Como explicar o surgimento do universo? Os primeiros filósofos gregos conhecidos como pré-socráticos e filósofos da natureza demonstraram essa preocupação, bem como Parmênides e Heráclito, que discutiam a cerca do surgimento do universo dizendo que este era formado por quatro elementos: água, ar, fogo e terra. Por outro lado, Aristóteles também procurou dar uma explicação a essa interrogação através da metafísica (que significa ciência que se ocupa com tudo o que se encontra além do físico). Nessa explicação Aristóteles partiu do princípio da causalidade. Ou seja, tudo o que existe tem uma causa. Nada existe por acaso. Esse princípio deu origem à Teoria das Quatro Causas, onde todo ser existe em potência, devido o fato de que tudo no universo está em movimento e que caminha para a realização do ato. Assim sendo, o ser se compõe de quatro causas, segundo Aristóteles, a saber: causa material – a matéria da qual é feita; causa formal – a forma da qual é adquirida; causa eficiente – a força que deu origem à matéria. E por último, a causa final – a finalidade pela qual a coisa é feita. Segundo Aristóteles, a causa inicial e/ou primeira do universo é Deus, o qual ele chama de motor imóvel, que não é movido por nenhum outro. É o ato puro. Por outro lado, Platão, no diálogo com seu mestre Sócrates, discutia a respeito do conhecimento e, principalmente do papel da filosofia, utilizando da alegoria da caverna, cuja conclusão era a de que o homem que não conhece vive nas trevas da ignorância, isto é, vive na escuridão, se contentando em ver apenas a sombra da realidade. Assim sendo, enfatiza que o papel da filosofia é fazer com que o homem passe de uma percepção ilusória das coisas para uma maior aproximação da realidade.

2. O TEOCENTRISMO

Já o período medieval foi caracterizado por uma visão teocêntrica do mundo. Em função dessa visão, os medievos tiveram problemas e um novo modo de vista diferente do período anterior. Com o teocentrismo, o que passa a ser o centro das atenções dos medievos é Deus. Por isso a Idade Média é a idade das igrejas. Nesse período, imensas catedrais foram construídas, pois assim estariam mais próximos de Deus. O Deus

era severo, castigador, e o que valia era salvar alma. Um dos filósofos importantes deste período foi Santo Agostinho, com a teoria da iluminação divina, segundo a qual o conhecimento humano se dava através da Iluminação de Deus.

Até mais ou menos meados da idade média havia uma certa dicotomia entre fé e razão, onde a primeira não poderia ser questionada pela segunda. Como o homem sempre teve a necessidade de explicar o mundo, e como nesse período a razão era de certa forma desprezada, as respostas às dúvidas eram dadas por meio do dogmatismo, ou seja, muitas coisas que aconteciam eram obra de Deus, portanto inquestionáveis.

Muitos historiadores chegaram até se indignarem com esta postura medieval\dogmática assumindo, então, uma postura preconceituosa contra a idade média – interrupção do progresso filosófico\científico, idade das trevas e outros.

Mas houve também que se preocupasse com a conciliação dessa dicotomia fé\razão, que foi São Tomás de Aquino. Este Doutor e teólogo da Igreja cuja teologia se baseava na filosofia aristotélica, defendia o princípio de que a fé poderia ser fundamentada e explicada pela razão.

Ao contrário dessa atitude preconceituosa diante da idade média, devemos considerar que cada época teve um modo próprio de pensar, agir e organizar a vida social, e, principalmente, se organizarem para produzir e assegurar a sua sobrevivência.

Além disso, vale a pena ressaltar que a idade média foi um momento marcante da história, em que fatos aconteceram para que o homem tivesse uma nova visão de mundo (antropocentrismo) e surgisse um novo período da história que foi a modernidade. Por isso para muitos historiadores o nascimento do ocidente seu a partir da idade média.

3. O ANTROPOCENTRISMO

Na Idade Moderna, o homem abandona esse tipo de visão porque novos problemas surgem. Assim, a modernidade é caracterizada por uma visão antropocêntrica. Se antes Deus era o centro, agora é o homem que passa a acreditar em sua própria razão, enquanto forma de explicação para os novos problemas que passam a existir. Entre os mais importantes pensadores destacamos Nietzsche, que descreveu as três metamorfoses da conduta humana. Segundo ele, o homem passa por três estágios de superação da ignorância: 1o homem camelo, caracterizado pela passividade e mediocridade, aceita a carga sem questionar. A conduta do homem medíocre é ditada pelo medo; o segundo estágio ele chama de homem leão, caracterizado pela força bruta, desmistificador da religião e da mora. Ou seja, de fraco, obediente, moralista deve transformar-se em forte, autônomo, legislador de si mesmo e dono absoluto dos seus atos; ele deve ser um super-homem. Neste estágio ele é capaz de reagir, mas ainda com ignorância. O terceiro e último estágio é o menino: o homem inocente que se compraz na exuberância da natureza e cria novos símbolos sacros. Enfim, a doutrina de Nietzsche, especialmente no que se refere ao homem forte, ao “super-homem” teve sua fase de predominância entre as duas guerras mundiais, especialmente pela atuação de Hitler e Mussolini, que pretendiam encontrar nela os princípios que justificassem seus respectivos sistemas políticos.

O fato importante do pensamento nietzscheniano é que o homem conquista a sua autonomia através do conhecimento.

Esse pensamento nietzscheniano contribuiu muito para o novo patamar histórico da humanidade, em que o homem passa a ser a medida de todas as coisas. Por isso, Nietzsche chegou até mesmo ser capaz de negar a existência de Deus e criar uma espécie de deus que ele chamou de Zarastustra, o seu herói.

Esses fatores, assim como muitos outros não mencionados, relacionados à modernidade, fizeram com que a razão passasse a ser a luz do homem (Iluminismo) e, conseqüentemente, contribuíram para que a humanidade avançasse para um novo estágio do saber, que é o conhecimento científico/tecnológico.

4. O TECNOCENTRISMO

Na idade contemporânea esse mesmo homem deixa de ser a medida de todas as coisas e passa a dar lugar à técnica. Trata-se de uma visão de mundo tecnocêntrica, onde a técnica explica “tudo” e “soluciona todos os problemas”, mas por outro lado, criou sérios problemas que afetam diretamente a escala de valores humanos fundamentais à vida.

Numa sociedade tecnificada com um modo de produção capitalista, o ser humano é deixado em

segundo plano, cuja sua força de trabalho passou a ser substituída pelas máquinas, aom mesmo tempo sendo tratado como mera mercadoria. Isso torna cada vez mais mecânica a relação humana.

Enfim, diante de tudo o que foi dito sobre o conhecimento humano enquanto condição básica no processo evolutivo do homem, nota-se que estamos no mais alto grau de civilização. Por outro lado, estamos passando por uma grave crise. Não se trata de uma crise conjuntural que logo passa, mas de uma crise estrutural que abala profundamente as escalas de valores, bem como o respeito à vida, não só dos seres humanos, mas de toda a comunidade dos viventes que habitam o planeta. Percebe-se também que no passado, os problemas surgiam, às vezes de maneira espontânea, enquanto que hoje, o homem cria problemas irreversíveis. Está na hora, quem sabe, do homem voltar a ser o centro, pois sendo ele o criador da tecnologia, esta deve estar a seu serviço e não ele dela, como vem acontecendo atualmente, ou seja, há uma inversão na escala de valores que, a princípio, parece ser fácil de resolver, mas que no final das contas acaba fazendo a diferença.

5. A CRISE DOS PARADIGMAS

A crise da modernidade implica a crise da razão e, conseqüentemente, dos paradigmas que coloca o homem num emaranhado de fragilidade e incertezas, pois a razão nortear os caminhos na busca da resposta aos problemas cede lugar ao irracionalismo.

A crise dos paradigmas implica imediatamente a crise da razão, pois esta é que conduz os paradigmas. Entende-se por paradigma as formas de pensar que conduzem a história (paradigma científico são determinantes no mundo atual). Assim, quando acontecem mudanças no campo científico, é porque houve uma mudança de paradigma. Estamos assistindo hoje, em todo o mundo, as tendências que fazem prever o advento de um novo irracionalismo. Mas este, é mais perturbador que o antigo, por não estar mais associado às posições políticos de direita. A razão não é repudiada por negar realidades transcendentais como, a religião, a pátria, a família e o Estado, e sim por estar comprometida com o poder.

Nesse sentido, Rouanet diz que, “Nesse novo irracionalismo há um núcleo de verdade: o conceito clássico de razão deve ser revisto. Depois de Marx e Freud, não podemos mais aceitar a idéia de uma razão soberana livre de condicionamentos materiais e psíquicos. Depois de Weber, não devemos ignorar a diferença entre uma razão substantiva, capaz de pensar fins e valores, uma razão instrumental cuja competência se esgota no ajustamento de meios e fins. Depois de Adorno, não é possível escamotear o lado repressivo da razão, a serviço de uma astúcia imemorial, de um projeto imemorial de dominação da natureza e sobre os homens. Enfim, depois de Foucault, não é lícito fechar os olhos ao entrelaçamento do saber e do poder. Precisamos, portanto, de um racionalismo novo, fundado numa nova razão²”.

O que se coloca em evidência é a questão do papel da razão, ou seja, razão a serviço de quem e de quem? O irracionalismo não se reduz, (no contexto em análise), a ausência de razão, mas aos mecanismos que ele nos priva dela.

Nessa mesma linha de raciocínio Rouanet continua,

“O papel da razão teria sido o de facilitar o trabalho da anamnésis, fazendo-nos recordar o passado como ele de fato ocorreu, seja para distanciar-nos dele, seja para atualizar o já pensado. O irracionalismo nos priva desse recurso. Tudo se passa como se estivéssemos escapado do destino da latência apenas para ficarmos entregues ao poder demoníaco do não-compreendido. Graças ao irracionalismo, o fim da latência não significou o começo da história, mas a obrigação de repetir a história. Em vez de trabalharmos o passado, o passado nos trabalha: repetimos velhos protótipos, na ilusão triunfal de estarmos desbravando novos continentes. Temos de reformular a frase de Goethe: “cinzenta é toda teoria, e verde apenas a árvore verde da vida.” Verde é toda teoria que libera vida, e cinzenta toda vida que se fecha à razão.”³

Enfim, O conhecimento proporciona ao homem, não só a garantia da sobrevivência (do ponto de vista material), mas sua própria emancipação, isto é, a conquista de sua autonomia. Como dizia Bacon – conhecer é poder, dizia ainda Comte – conhecer é prever e, mediante tudo isso, podemos dizer hoje – conhecer é vencer e sobreviver.

Portanto, torna-se necessário (como dizia Platão) que o indivíduo saia de sua caverna subterrânea, liberte das trevas e algemas da ignorância se quiser contemplar a realidade pura e sem sombras para conquistar sua autonomia.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação. 2 ed.- São Paulo: Moderna, 1996

MONDIM, Batista. Curso de filosofia. Vols. 1,2 e3, São Paulo: Edições Paulinas, 1983

ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo: Companhia de Letras, 1987, p. 12